

Se uma viagem de trem pudesse durar um século

Considerações sobre João do Rio e sua leitura do Rio de Janeiro,
ou como lidar com um blefe

Fábio Laurandi Coelho¹

...Naquele Império, a Arte da Cartografia alcançou tal Perfeição que o mapa de uma única Província ocupava toda uma Cidade, e o mapa do Império, toda uma Província. Com o tempo, esses Mapas Desmesurados não foram satisfatórios e os Colégios de Cartógrafos levantaram um Mapa do Império que tinha o tamanho do Império e coincidia pontualmente com ele.

Menos Afeitas aos Estudos da Cartografia, as Gerações Seguintes entenderam que esse dilatado Mapa era Inútil e não sem Impiedade o entregaram às Inclemências do Sol e dos Invernos. Nos desertos do Oeste perduram despedaçadas Ruínas do Mapa, habitadas por Animais e por Mendigos; em todo o País não há outra relíquia das Disciplinas Geográficas.

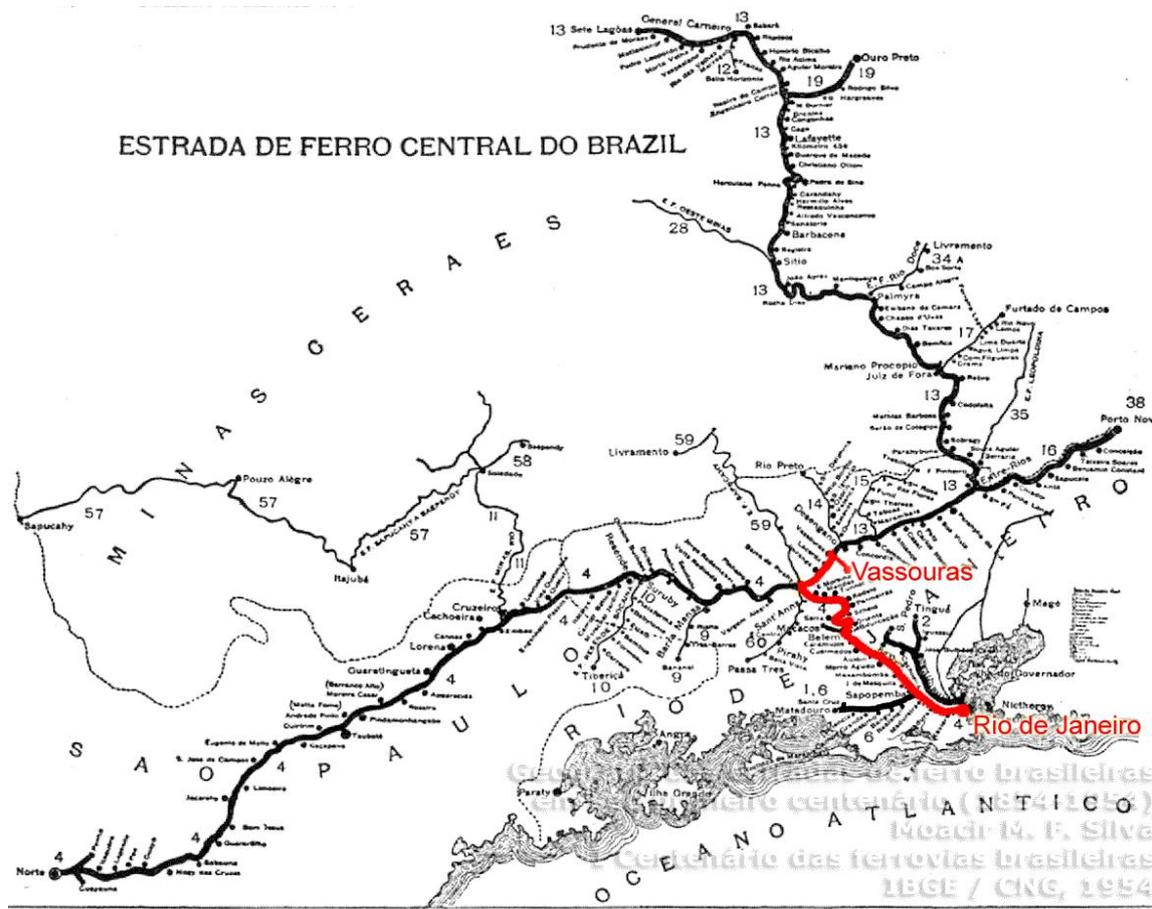
Jorge Luis Borges

Talvez tivesse sido mais sensato optar por outra forma literária, um ensaio ou um estudo, para poder utilizar todos os documentos como se deve, mas duas coisas impediram-me de fazê-lo: por um lado, não seria correto citar, como fontes, os testemunhos diretos de pessoas vivas e confiáveis; por outro lado, o prazer irresistível de contar, esse prazer que dá ao escritor a noção quimérica de que cria o mundo e que, portanto, o transforma, como se costuma dizer.

Danilo Kiš

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Cultura, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

1. Uma viagem de trem pode durar um século



As linhas da "Central do Brasil" em 1898.

Figura 1. Trajeto da viagem de trem entre a cidade de Vassouras e o então Distrito Federal pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

Eram sete horas da manhã, e o percurso estava previsto para ser realizado em duas horas e meia. A estação Barão de Vassouras funcionava a pleno vapor, abastecendo a rebatizada Estrada de Ferro Central do Brasil. Minha bisavó me contava que não havia gostado da mudança de nome da estrada, e que Dom Pedro II (imperador, claro, mas também nome de batismo da referida ferrovia) era muito mais simpático. Explicava-me que nos tempos do Império o movimento era ainda maior por aquelas bandas, que agora a decadência se apresentava de maneira quase que irreversível, e a mudança de nome era certamente sinal de maus agouros. Parece que minha familiar distante no tempo adivinhava que, exatamente um século depois, eu voltaria àquele

lugar e teria a chance de vislumbrar ruínas onde outrora brilhara uma bela e singela gare. Naquela conversa em 1910, minha bisavó ainda aproveitou para comentar sobre o papel que a mudança de regime possuía nesse declínio.

— Ninguém gosta dessa história de presidente, meu filho, dizia ela complementando, o que nós precisamos é de alguém com caráter, com postura, que atenda às nossas necessidades; você lembra o que aconteceu na capital há alguns anos? Queriam dar injeção em todo mundo, onde já se viu tal coisa!? Ai, que nos tempos da Monarquia isto nunca aconteceria!

O trem havia acabado de partir e, me entusiasmando com os rumos da conversação, perguntei à moça se ela já havia lido um escritor famoso da capital, chamado João do Rio. Qual foi minha decepção quando percebi que naquele tempo as distâncias poderiam não ser apenas distâncias, mas também barreiras. Mais que isso, havia esquecido que o analfabetismo predominava na população tanto urbana quanto interiorana. Minha bisavó havia nascido e crescido em Vassouras, trabalhando desde muito pequena na lavoura do café, e o pouco contato que tinha com o Distrito Federal se devia a esparsas visitas de alguns familiares, como eu. Mas minha visita não era como outra qualquer. Eu havia conseguido a façanha de fazê-la vir ao Rio de Janeiro. Havia visitado a cidade apenas uma vez em toda a sua vida, e estávamos a realizar o trajeto naquele momento, naquele trem cuja viagem deveria ser curta, mas bem poderia durar um século.

Insisti no assunto do literato, pois estava convencido de que Paulo Barreto era o escritor mais lido da *belle époque* tropical, e *A Alma Encantadora das Ruas* havia então sido compilado e editado há menos de dois anos. Neste livro, disse à minha bisa, havia um conto-reportagem em que o autor conversava com dois velhos cocheiros da cidade do Rio de Janeiro, e um deles emitia opinião muito semelhante à dela. Dizia o Braga:

— A Monarquia tinha as suas vantagens. Era mais bonito, mais solene. Não vá talvez pensar que eu sou inimigo da República. Mas recorde por exemplo um dia de audiência pública do imperador. Que bonito! Até era um garbo levar os fregueses lá. Ó Braga, onde estiveste? Fui à Boa Vista! Hoje todo o mundo entra no palácio do Catete. Não tem importância... É verdade que o Obá entrava no Paço. Mas era príncipe. E então para conhecer homens importantes! Não precisava saber-lhes o nome. Os ministros tinham uma farda bonita, o imperador saía de papo de tucano. Bom tempo aquele! Hoje

a gente tem de suar para conhecer um ministro. Parecem-se todos com os outros homens.²

— Ora, meu querido, comentou minha bisavó, seu Braga está coberto de razão. Os homens não podem ter essa mania de igualdade. Isso é tudo conversa! O que realmente importa é o respeito. Se todos tiverem respeito um pelo outro, pouco interessa se somos iguais ou não.

Encontrara, portanto, um pensamento muito original de minha remota familiar! Sempre desconfiei da República, uma vez que a popularidade da Monarquia me parece tão grande. Se há algo neste Rio de Janeiro que tenha surgido de raízes populares para galgar as escadas do sucesso, esse “algo” é o samba. E não há porque procurarmos entre seus maiores representantes uma escola que se denomine República ou Presidente! Encontramos, sim, Império Serrano, Imperatriz Leopoldinense etc.

Estava com remorso de deixar a cidade de Vassouras, tão simpática e tão acolhedora, com uma praça inclinada que é um dos centros interioranos mais bonitos e charmosos que já vi. A Igreja no alto da praça, com as palmeiras (imperiais, claro) demarcando o perímetro retangular do quarteirão é uma admirável e esquecida paisagem, daquelas que quando olhamos temos a impressão de se tratar de um lugar que parou no tempo. Junto a esta impressão, surge a constatação de que, por mais que reclamemos de qualquer época, qualquer tempo que seja, um dia estes ainda serão lembrados como os bons e velhos tempos.

Mas a volta ao Rio, trazendo comigo minha bisavó ainda moça, era minha prioridade no momento. Afinal de contas, ainda tinha de escrever um trabalho sobre o escritor a respeito do qual conversávamos. Meu caro leitor há de concordar que uma viagem de trem com a duração de cem anos não é lá coisa que se veja todo dia!

2. Uma viagem de trem não pode durar um século

Convido o leitor a uma indagação que, muito provavelmente, já foi feita a estas alturas. Qual a porcentagem de verossimilhança que os parágrafos acima possuem?

² João do Rio. Velhos cocheiros. In: **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.120.

Quão verídica esta história poderia ser? Por que cargas d'água narrar uma viagem que, pela lógica, nunca poderia ter ocorrido? Gostaria de ressaltar a intenção do autor ao utilizar certo tipo de narrativa. Quando inicio meu trabalho desta maneira, estou no mínimo tentando chamar a atenção de meu leitor. Abrindo mão do juízo de valor do leitor-avaliador, exponho-me num sentido de produzir a diferença através de uma narrativa que se faz ficcional, onde deveria estar o início de um trabalho estritamente acadêmico. Acho eu.

O que me permite produzir esta historieta não é um encontro com minha bisavó moça em 1910, mas um conjunto de experiências que enforma a estrutura do episódio imaginado. No intuito de escrever um trabalho sobre João do Rio, permito-me uma breve digressão pela escrita literária para que o texto apresente maior fluidez. Mas, como o leitor verá mais à frente, não sem propósito.

O objetivo inicial deste trabalho, confesso, era produzir uma análise que amalgamasse elementos quantitativos e qualitativos, nos moldes do que realiza Franco Moretti em seu *Atlas do Romance Europeu*.³ Moretti afirma que a confecção de mapas literários pode servir como ponto de partida para um trabalho. Diz que devem ser preparados no intuito de uma análise posterior, e que através do mapa pode-se chegar a conclusões diversas, ou mesmo a perguntas profícuas. O autor vai ainda mais longe, afirmando que os mapas muitas vezes mudam o modo como o romance é lido. Propõe que sejam utilizados como ferramentas analíticas, “que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas”.⁴

Pois bem. Eu pretendia utilizar alguns contos de João do Rio para mapear seus movimentos pela cidade do Rio de Janeiro e, se não conseguisse chegar a conclusões, que pelo menos produzisse dúvidas e perguntas interessantes que pudessem guiar trabalhos daqui para frente. Contando com a compreensão do leitor, assumo que meu tiro saiu um tanto pela culatra, pois já na primeira tentativa de mapeamento esbarrei com uma questão que se apresentou de maneira mais construtiva do que a ideia inicial. É sobre ela o trabalho.

³ MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu*. 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

⁴ *Ibidem*, p.13.

Em leitura realizada muito antes de ter a ideia para a escrita desse texto, o conto *Como se ouve a missa do “galo”*⁵ já me pareceu intrigante, menos pela questão que me surgiu agora do que por uma espécie de precoce antropologia urbana operada pelo autor. João do Rio detalha a missa da noite de Natal em cinco igrejas diferentes do Rio de Janeiro, descrevendo não a solenidade ou o discurso do padre. Não, isso passa longe. O que interessa a ele é justamente o outro lado, a massa, a turba que se dirige à igreja naquele momento, e quais as intenções de cada um, ou de cada grupo, que ali se encontra. João do Rio percebe o quão diferente pode ser um mesmo evento se deslocado no espaço, e mais ainda, se deslocado de indivíduo para indivíduo. Todos assistem à mesma festividade, porém cada um produz a sua própria. Detenhamo-nos um pouco mais na análise deste conto.

3. A missa se espera no altar

Como se ouve a missa do “galo” integra uma série de reportagens intitulada “A Vida na Cidade”, publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias* durante o ano de 1906. A referida crônica (se podemos rotular o texto desta maneira) foi estampada um dia após os festejos natalinos do mesmo ano, o que confere um certo ar de realismo ao relato. Somando a isto o tom jornalístico que João do Rio utilizava de forma brilhantemente mesclada ao estilo literário, temos praticamente – que fique, por enquanto, frisado este “praticamente” – uma reportagem subjetiva sobre as diversas missas do galo da madrugada de 24 para 25 de dezembro de 1906 no Rio de Janeiro.

Paulo Barreto faz questão de elucidar o porquê da missa ser chamada do galo, visto que o pobre animal dela não participa e nem tem conhecimento! Até nossos dias, o assunto é polêmico e há quem pense que se chama missa do galo por motivos comemorativos, pois o galináceo teria sido o primeiro a ver Cristo vivo. Há quem acredite que, pelo fato da missa terminar muitas vezes altas horas da madrugada, tenham posto este nome para homenagear o bicho que canta enquanto os fieis estão indo se deitar nesta que é a data mais solene para o dogma cristão. João do Rio logo põe um fim à discussão, afirmando que a origem da expressão é latina. Os romanos contariam o

⁵ João do Rio. *Como se ouve a missa do “galo”*. *Op. Cit.*, p.132-139.

tempo em termos poéticos, e a primeira hora do dia seria a passagem da *media nocte* para o *gallicinium*, hora em que o galo começa a cantar, coincidindo com o horário em que ocorre a missa.

O autor começa sua peregrinação na Igreja de Santana, na Praça da República. Sem querer insistir tanto em um assunto, a Praça da República teve este nome decretado em substituição ao Campo de Santana, que fazia referência aos pilares do Governo Imperial. Não colou. O local continua sendo chamado Campo de Santana cento e vinte anos depois de ser rebatizado. Que o leitor não me creia monarquista, mais uma vez. Voltando ao que interessa, João do Rio aguarda o início da missa do galo nesta igreja, e observa a multidão que se aproxima para a festa, fazendo duas observações a serem destacadas. Primeiro, nota uma espécie de procissão de classes e irmandades separadas, pelo seu modo de vestir e de se relacionar uns com os outros. Afinal, a igreja é localizada em uma região central. Depois, percebe como para todos que ali estão a missa parece ser apenas um pretexto, e o demonstra com um grupo de rapazes e moças que somente aproveita o burburinho do namoro.

Paulo Barreto sai da igreja e entra em um – como o próprio diz – “automóvel possante”, que o acompanharia pela noite. O próximo local a ser visitado é a catedral, vizinha à Praça XV de Novembro. Não a catedral redonda de arquitetura moderna que o centro do Rio de Janeiro ostenta hoje, mas aquela singela e – talvez por isso – muito mais atraente que a faraônica substituta. Felizmente, não deram nos pontos de demolir a velha construção quando o Rio de Janeiro deixou de ser a capital do país, apenas relegaram-na elegantemente ao posto de Antiga Catedral da Sé. Aqui, a turba já tinha outro aspecto aos olhos do cronista. Parecia mais elegante, mesmo aqueles que se apresentavam de uma maneira mais pobre. No que João do Rio encontra uma atriz de teatro acompanhada, ouve de seu par que, após ceiar com os filhos às dez horas, havia deixado de ser pai de família. A missa do galo definitivamente representava muito mais que uma festa cristã!

Descendo a Rua da Assembleia e caindo em uma “vertiginosa carreira” pela Avenida Central, João do Rio acaba por chegar à missa do Convento da Ajuda. Uma pena tal construção não ter a mesma sorte de poder ser comparada com o seu aspecto atual, como o fiz com a igreja acima. O Convento da Ajuda foi demolido pelos idos de 1920, para que em seu local surgisse um complexo de salas de cinema. Já que não posso

comparar o convento, lembro que a atual Cinelândia pouco ou quase nada tem de cine, visto que há apenas uma última sala que, a duras penas, se sustenta no local. O Convento da Ajuda era exclusivamente feminino, e as monjas participavam da missa cantando, o que conferia, segundo nosso cronista, um ar de tristeza pairando sobre os espectadores da missa. Tanto dentro da igreja quanto do lado de fora, João do Rio observou pessoas tristes e emocionadas com o andamento da solenidade. Mas o diálogo de um casal o despertou, fazendo com que quisesse seguir prontamente sua perambulação. Desta vez, ao entrar no coche, pediu ao chofer que guiasse imediatamente rumo a Copacabana.

Caríssimo leitor, Paulo Barreto se encaminhava para a quarta igreja a ser visitada na noite, e agora em um local muito mais distante que os relatados até então! Começo a apresentar aqui uma proposta de leitura para esse conto, tendo já percebido com quanta ironia o cronista em questão apresenta seu movimento. O “possante automóvel” de João do Rio descia a avenida Beira-Mar – que, por incrível que possa parecer a quem a conhece, beirava o mar nestas épocas – a uma velocidade dita vertiginosa e “saltava como um orango ébrio, no piso mau”!⁶ Ora, de maneira qualitativa no detalhamento das viagens de uma igreja a outra, o autor permite que percebamos a impossibilidade de uma tal carreira automobilística pela cidade do Rio de Janeiro. Voltarei logo a este ponto. Por ora, continuo com os pormenores de João do Rio sobre as missas, já que em Copacabana percebe algo interessante. Há um botequim aberto em frente à igreja, e segundo o autor, o bar chega a competir com a solenidade. Terminantemente, na igreja de Nossa Senhora de Copacabana, a última coisa que parecia importar era o aniversário de Cristo! Segue um trecho da narrativa:

No céu cor de chumbo, ameaçador de temporais, espocavam girândolas de foguetes. E todo aquele trecho, mais aquecido, mais feroz, mais cheio de gente redobrava de deboche, de frenesi pândego, de loucura, quebrando copos, cantando, assobiando, praguejando, ganindo.⁷

Por fim, João do Rio retorna à região central da cidade, dirigindo-se à Nossa Senhora da Lapa do Desterro, igreja de pobres, e enxerga a mesma situação. Pessoas pouco interessadas no sermão, homens e mulheres “endomingados”. Mas na saída,

⁶ *Ibidem*, p.136

⁷ *Ibidem*, p.137

Paulo Barreto encontra um homem de joelhos. Era um rapaz de cerca de vinte anos, que rezava. O autor ficou admirado com sua oração, perguntou-o de onde era, ao que o rapaz respondeu que vinha do Douro, e orava pela sua terra, sua gente e sua proteção. “Pobre alma ingênua e pura de aldeia, pobre alma que se ia putrefazer na grande cidade, único coração que adorara Deus entre as dez mil pessoas vistas por mim”.⁸ E desta forma termina seu relato sobre a noite de Natal: “enquanto pela cidade inteira as ceatas e as pândegas desencadeavam os ímpetos desçaçaimados...”⁹

Assim como afirmei que a narrativa com a qual inicio este trabalho só foi possível a partir de um conjunto de experiências que enformam aquela escrita, esta atrelada certamente a um intento, afirmo que o conto descrito acima possui a mesma característica. Duvido de João do Rio? Cometo uma heresia? Não sejamos tão radicais. O que acredito é que o autor não tinha como percorrer todas estas igrejas e visitá-las a tempo de apreciar tão minuciosamente os acontecimentos internos e externos em uma única noite de festividade! Creio, inclusive, que João do Rio apresenta ironias sintomáticas a respeito de seus improváveis deslocamentos entre um local e outro com o possante automóvel. O que faço tenção de dizer é que há um grande conjunto de experiências, adquirido ou contraído a partir de sua famosa e freqüente *flânerie*, que Paulo Barreto derrama em palavras neste conto-reportagem, e o relato que surge se transforma em uma excelente amostra do que este autor símbolo da *belle époque* carioca realizava em sua obra.

⁸ *Ibidem*, p.138

⁹ *Ibidem*, p.139

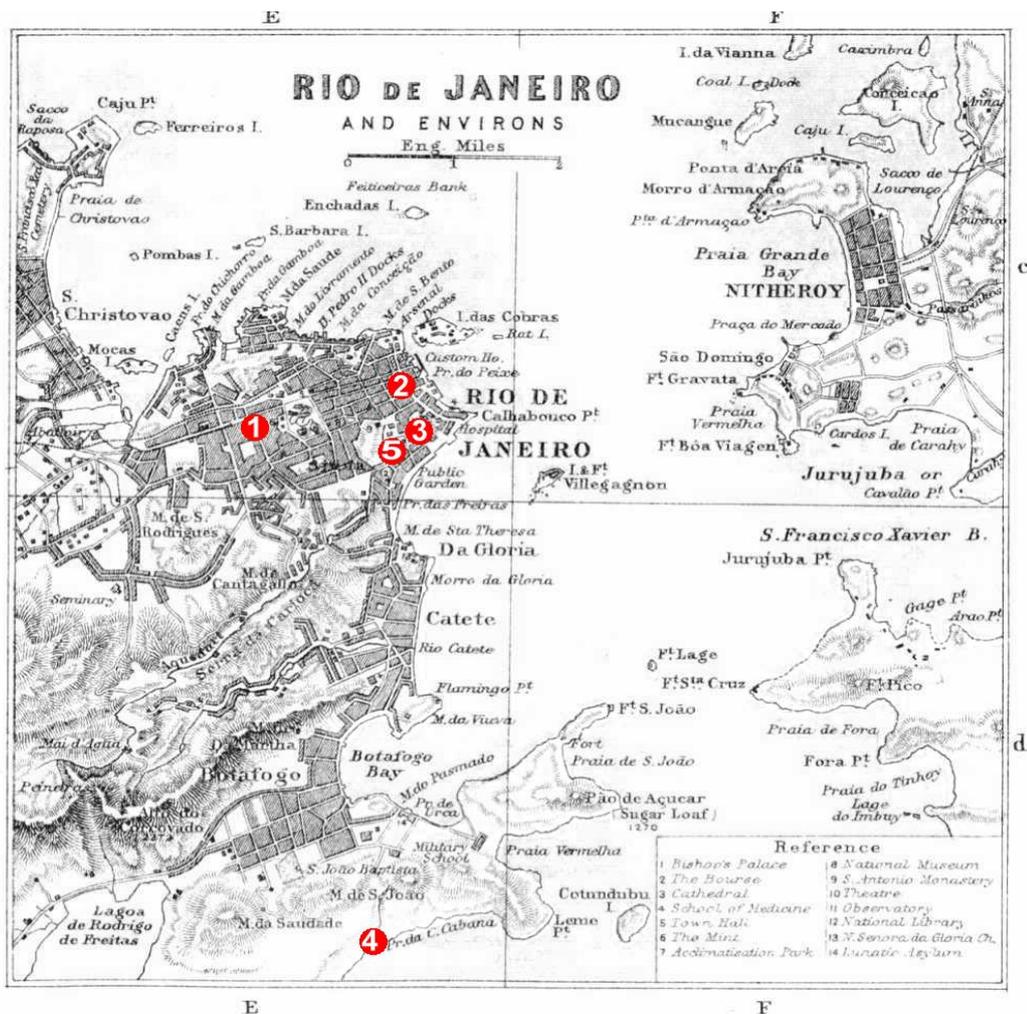


Figura 2. Locais das igrejas supostamente visitadas por João do Rio na madrugada de 24 para 25 de dezembro de 1906. (1) Igreja de Santana. (2) Catedral. (3) Convento da Ajuda. (4) Paróquia de Copacabana. (5) Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro.

Esta não é a primeira vez que me aventuro a escrever sobre João do Rio. Em outro texto,¹⁰ sustentei a ideia de que a época da qual o autor faz parte na literatura brasileira é um período essencialmente moderno, e o fiz baseando-me na teoria de Peter Gay.¹¹ João do Rio escreve na passagem do século XIX para o XX, em uma cidade que

¹⁰ COELHO, Fábio Laurandi. **A releitura de tradições através das crônicas de João do Rio.** In: Anais do V Simpósio Nacional de História Cultural. Brasília: UnB, 2010 (no prelo).

¹¹ Na verdade, meu ponto de partida foi uma discordância muito pontual de uma questão proposta por José Paulo Paes. O autor afirma que o período anterior ao modernismo canônico, relacionado à Semana de Arte Moderna de 1922, no Brasil, seria um período *art nouveau*. Este rótulo implica uma ênfase excessiva quanto à forma da literatura realizada no período em questão, em detrimento de uma análise voltada para o tema, o que acaba levando Paes a declarar a escrita de João do Rio como uma

passa por assombrosas transformações. O Rio de Janeiro era então Distrito Federal, e – não bastasse a troca de regime ocorrida em plena praça pública da cidade – a República havia sido proclamada em uma época de mudanças. Há uma transformação da vida social na cidade de tal ordem que Paulo Barreto não fica alheio a ela. Na verdade, além de participar da mesma, a elabora de maneira muito peculiar em seus textos. Como afirma Flora Süssekind, “há um jogo direto ou indireto com as novas formas de impressão, reprodução e difusão, assim como com as condições de trabalho intelectual no período, que enforma a técnica literária desses autores”.¹² O que a autora pretende dizer é que há um novo horizonte técnico, uma nova maneira de lidar com a arte, percebida através de aparelhos como o cinematógrafo ou a máquina fotográfica, que modificam substancialmente a própria maneira de lidar com a realidade.

João do Rio, atento a tais mudanças e participante das mesmas, me parece escrever com o intuito de produzir um assentamento de tradições da cidade do Rio de Janeiro. Como se, frente a tantas modificações sociais, arquitetônicas e urbanísticas,¹³ o autor produzisse uma releitura da cidade, chamando a atenção para um outro lado desta. Paulo Barreto opera uma crítica de acontecimentos freqüentes e tradicionais da cidade, produzindo em suas crônicas um outro Rio de Janeiro, não exatamente esquecido, mas

“literatura esgar ou fútil”, que se contenta com um “costumismo de superfície”. (PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: **Gregos e Baianos: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p.71) Tentei mostrar, utilizando algumas crônicas d’A Alma Encantadora das Ruas, a densidade temática dos textos de João do Rio, e como não devemos levar em conta na sua escrita somente a ornamentação que, por vezes, é excessiva. Propus, assim, uma continuidade conteudística entre autores modernos, principalmente Machado de Assis no caso brasileiro, e Paulo Barreto. Para a compreensão do período anterior à Semana de 1922 como um período de literatura moderna, baseei-me em teoria de Peter Gay sobre o movimento modernista de meados do século XIX a meados do XX. Segundo o historiador norte-americano, os “modernistas tinham sólidos bastiões da cultura a assaltar e alternativas drásticas a oferecer. A despeito da aparente frivolidade, eles sabiam o que estavam atacando. A despeito dos exageros, eles eram sérios.” (GAY, Peter. Um clima para o modernismo. In: **Modernismo: o fascínio da heresia**. De Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.28) Há ainda dois atributos que, segundo Peter Gay, são comuns aos modernistas: o compromisso com um exame voltado para si próprio e – o que considero fulcral – o fascínio pela heresia. Com isso, percebe-se que o autor considera o movimento modernista uma libertação psicológica para produtores e consumidores, onde os artistas puderam levar a sério sua insubordinação, contrariando cânones que ditavam temas e técnicas estabelecidos há muito tempo. Desta maneira prefiro ler João do Rio.

¹² SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.87.

¹³ Lembremos que no início do século, entre 1903 e 1906, foram realizadas diversas e enormes obras na cidade do Rio de Janeiro, que ficaram conhecidas pelo nome de Reforma Pereira Passos, em alusão ao então prefeito da cidade. A mudança na paisagem urbana da capital foi tamanha que ainda hoje a reforma é considerada a maior já realizada no município. A Avenida Central – atual Avenida Rio Branco –, pela qual João do Rio desce em “carreira vertiginosa” no conto da missa do galo, é um bom exemplo de transformação urbanística operada por Pereira Passos.

constrangido a conviver com o crescente Rio de Janeiro da *belle époque*, das grandes avenidas, dos aterros e do cinematógrafo.

Italo Calvino, em seu aclamado romance *As Cidades Invisíveis*, nos permite – entre inumeráveis e intermináveis possibilidades – refletir sobre a cidade e o discurso que a produz. Kublai Khan ouve os relatos de Marco Polo sobre cinquenta e cinco cidades pelas quais o viajante haveria passado, e o veneziano apresenta descrições que parecem muitas vezes fazer referência a uma mesma cidade, mas vista sob diferentes ângulos. De Diomira a Berenice, Marco Polo acaba por construir uma narrativa que não é centrada especificamente na maneira de olhar as cidades, mas na própria forma de se produzir uma visão muito singular a respeito de um aspecto da cidade. Robert Pechman afirma que “as pedras de que se constrói uma cidade não são suficientes para edificá-la”, e que “por mais engenhosas, monumentais e indestrutíveis que possam ser as construções de pedras, elas são insuficientes para se fazer uma cidade”.¹⁴

João do Rio produz um discurso sobre o Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo em que o faz, produz o próprio Rio de Janeiro. Pechman trabalha com a dicotomia entre a cidade de pedra e a cidade do discurso. Um amontoado de ruas e casas, prédios e avenidas, somente se transforma em cidade quando um sentido é produzido, e a literatura tem papel fundamental nesta construção contígua. Através de uma série de crônicas, João do Rio opera a releitura da cidade e o assentamento de tradições que mencionei anteriormente, produzindo uma espécie de amálgama em meio ao movimento de tradição e modernidade. Não abrindo mão das novas técnicas e do horizonte técnico que se delineava – muito pelo contrário, fazendo uso do mesmo –, João do Rio foca os costumes e tradições muito mais assentados que se faziam presente e coexistiam com todo este novo e moderno Rio de Janeiro. Não à toa a querela entre Monarquia e República se faz presente em grande número de contos do autor, como o dos velhos cocheiros.

¹⁴ PECHMANN, Robert Moses. **Pedra e Discurso: Cidade, História e Literatura**. In: Revista Semear, Departamento de Letras da PUC-Rio, número 3. Rio de Janeiro, p.1. Acesso em 15/04/2010.

4. Não sabes da missa um terço

Revelar o Rio de Janeiro em sua dimensão de cidade não foi tarefa pioneira de Paulo Barreto. Machado de Assis teria proposto a textualização da cidade, tendo-a como ponto de partida e, mais ainda, alocando-a na posição de narrador.¹⁵ Neste sentido, posso discernir certa continuidade temática entre os dois autores. Mais interessante que os dois produzirem discursos tendo na cidade seu principal foco, ou por outra, mais interessante que as semelhanças, é perceber as diferenças cruciais entre um e outro. Para minha satisfação e para uma comparação entre João do Rio e Machado de Assis ser ainda mais profícua a este trabalho, o autor de *Dom Casmurro* também escreveu um conto sobre a festividade da noite de Natal.

O conto *Missa do Galo* foi editado pela primeira vez em 1893, mas o evento narrado acontece no início da década de sessenta do mesmo século. Um menino de dezessete anos, Sr. Nogueira, que havia vindo de Mangaratiba ao Rio de Janeiro para estudar, aguardava a hora de chamar um vizinho para juntos irem à igreja na noite de Natal assistir à missa do galo. O garoto aguardava ansiosamente, acreditando que a missa seria muito mais luxuosa que aquelas presenciadas anteriormente na roça. Hospedava-se na casa de um escrivão, cujo nome era Meneses e cujo casamento convivia com a existência de sua amante, que o havia feito passar esta noite de Natal afastado de casa. Conceição era o nome de sua esposa, a quem chamavam por vezes de santa por aguentar o adúltero cônjuge. O menino Nogueira sentava-se sozinho à meia luz, depois da casa estar devidamente adormecida, lendo *Os Três Mosqueteiros* de Alexandre Dumas. Esperava pela meia-noite para acordar o vizinho que iria consigo à missa, quando ouviu a entrada de Conceição na sala. A mulher tinha trinta anos, e não lhe chamava atenção pela beleza, mas o que ocorre no restante do conto é uma conversa na penumbra entre o jovem e a mulher, que tende para a sensualidade e o flerte em diversas ocasiões. A missa do galo só retorna ao conteúdo quando o – agora acordado – vizinho bate à janela da casa alertando sobre o horário que havia passado, e um distraído Nogueira sai de casa rumo à igreja. Anos depois, fica sabendo que o escrivão havia morrido, e Conceição casado novamente. Nunca mais soube da mulher.

¹⁵ RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Machado de Assis é moderno por excelência. In: **Capitu**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p. 11-17.

Quanta diferença entre a solenidade de João do Rio e a de Machado de Assis! Aquela continuidade temática à qual fiz alusão anteriormente quase que se apaga, de tão escondida que parece nesse conto. O que me parece ocorrer é uma intenção muito peculiar de Machado em resolver as problemáticas postas em torno de suas narrativas de maneira interna, íntima. A cidade é apresentada e se faz discurso, mas os problemas devem ser resolvidos dentro de casa, apenas passando – mesmo que em alguns romances, passem uma boa parte – pela rua. É algo como se a problemática aparecesse em casa, na família, nas relações entre as personagens, fosse para a rua dialogando com a cidade, e operasse um movimento de retorno ao lar, sendo sempre resolvida dentro de casa. Em João do Rio, o que se percebe é algo diferente, a problemática surge na rua, dialoga com a cidade, e por aí mesmo é resolvida. Neste sentido, o uso da ironia como na crônica a respeito das missas do galo na cidade se apresenta de maneira categórica para que a produção de um discurso que consiga dialogar duas cidades distintas transformando-as em uma só seja possível. Tenho ainda como dizer que minha desconfiança a respeito das andanças de João do Rio em uma única noite podem importar muito pouco dentro desta perspectiva. Machado de Assis e Paulo Barreto escreviam, antes de qualquer coisa, para entreter, produziam literatura, e assim devem continuar sendo lidos e trabalhados. Se é que devem ser trabalhados.

Em prol da realização de um registro do Rio de Janeiro textual frente a um Rio de Janeiro de pedra em transformação, pouco importa se o automóvel possante existiu ou não. Assim como pouco importa a duração de uma viagem de trem de Vassouras ao Rio de Janeiro. Para mim, dura um século.

5. Breve pós-escrito sobre o pré-escrito

Sempre utilizo epígrafes antes de meus textos, mas esta é a primeira vez que sinto vontade de escrever diretamente sobre as mesmas. Relacionei o breve conto de Borges (do excerto O Museu, do livro O Fazedor) com meu intuito fracassado de confeccionar mapas a respeito das andanças de João do Rio. Assim como as gerações posteriores do Império do qual o conto traz um relato, descobri que meus mapas eram inúteis. Ainda bem que não tentei fazê-los do tamanho da cidade do Rio de Janeiro (na

verdade, os mapas que ainda consegui utilizar no conto, tive que pedir a um grande amigo para fazer, pois, além de descobrir que os produzidos por mim eram inúteis, percebi ainda que revelavam toda a minha incapacidade diante de programas gráficos de computador um pouco menos obsoletos que um vídeo-game rodando Pitfall ou Space Invaders). Franco Moretti diz que os mapas não devem ter um papel periférico ou decorativo, mas era exatamente isso que eu estava fazendo com o objetivo inicial de meu trabalho! Daí o sentido de blefe que meu texto tomou. Não que não goste de ornamentos, como o leitor talvez tenha percebido, mas acho que ainda posso acreditar que um trabalho acadêmico deve ter alguma serventia. Já a passagem de Danilo Kiš (permita-me, o livro da qual é retirada é uma obra-prima moderna, se chama Um Túmulo para Boris Davidovitch, e relata a perseguição stalinista aos próprios militantes de esquerda europeus no auge da repressão soviética), adicionei quando o trabalho já estava praticamente fechado, mas não tive como conter o ímpeto em usá-la aqui. Creio que essa não precise de tantas palavras a respeito. Aliás, pra quê palavras?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COELHO, Fábio Laurandi. **A releitura de tradições através das crônicas de João do Rio**. In: Anais do V Simpósio Nacional de História Cultural. Brasília: UnB, 2010 (no prelo).

GAY, Peter. **Represálias Selvagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAY, Peter. Um clima para o modernismo. In: **Modernismo: o fascínio da heresia**. De Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

João do Rio. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu**. 1800-1900. São Paulo: Boitempo, 2003.

PAES, José Paulo. O art nouveau na literatura brasileira. In: **Gregos e Baianos: ensaios**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PECHMANN, Robert Moses. **Pedra e Discurso: Cidade, História e Literatura**. In: Revista Semear, Departamento de Letras da PUC-Rio, número 3. Rio de Janeiro. Acesso em 15/04/2010.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. Machado de Assis é moderno por excelência. In: **Capitu**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.